

história

O PROFESSOR LUÍS GONZAGA GOMES E A DIVULGAÇÃO PEDAGÓGICA DA CULTURA CHINESA

*António Aresta**

Luís Gonzaga Gomes (1907-1976) é um dos expoentes máximos do fecundo diálogo cultural luso-chinês contemporâneo, inserindo-se na tradição, já multiseular, da Escola Sinológica Portuguesa¹ cujos representantes maiores foram Álvaro Semedo, Gabriel de Magalhães, Joaquim Afonso Gonçalves, Pedro Nolasco da Silva e Joaquim Guerra. Sinólogos eruditos que nos legaram, nos seus escritos, a parte substantiva do conhecimento pluridimensional da cultura e civilização chinesas.

TRAÇOS DE UMA VIDA

Luís Gonzaga Gomes nasceu em Macau, a 11 de Julho de 1907², filho de Joaquim Francisco Xavier Gomes³ e de Sara Carolina da Encarnação⁴, no seio de uma família culta e informada, economicamente desafogada, com gostos musicais e artísticos requintados a que não faltava a paixão pelo mobiliário e pela porcelana chinesas.

* Professor e Investigador.

¹ António Aresta, *A Sinologia Portuguesa: Um Esboço Breve*, RC-Revista de Cultura, (ICM), N.º 32, II Série, Julho-Setembro, 1997, pp. 9-18.

² O Governador era Pedro Coutinho, o Bispo, D. João Paulino de Azevedo e Castro e o Presidente do Leal Senado, Francisco Xavier Pereira.

³ Professor do Ensino Primário e Director da Escola Primária Central do Sexo Masculino.

⁴ Professora do Ensino Primário e Directora da Escola Primária Central do Sexo Feminino.

Após a frequência do ensino primário, sob a tutela dos Pais, matriculou-se no Liceu de Macau concluindo os seus estudos com a aprovação no exame do sétimo ano. Neste longo período de formação intelectual, científica e moral, alguns Professores foram determinantes para a modelação do seu carácter e das suas apetências intelectuais, nomeadamente José da Costa Nunes⁵, Camilo Pessanha⁶, Manuel da Silva Mendes⁷ e Humberto Severino de Avelar⁸.

Foi precisamente no primeiro jornal do Liceu de Macau, *A Academia*⁹, que Luís Gonzaga Gomes publica o seu primeiro artigo, consagrado a Benjamim Franklin. E, em boa verdade, pode dizer-se que nunca mais parou de escrever.

As recordações da sua vivência liceal e, concomitantemente, de Macau dos anos vinte, permanecem bem nítidas na memória: «Não me lembra de haver professor que tivesse conseguido dar o tempo regulamentar das aulas. Com a excepção dos doutores Silva Mendes, Camilo Pessanha, Avelar e o engenheiro Mateus de Lima, os restantes professores eram todos interinos, ou melhor improvisados, isto é, oficiais de exército, oficiais de marinha, médicos, sacerdotes, etc.. (...) O meio de transporte mais usado era então o riquexó, puxado por um cule e empurrado por outro. O Lara Reis, porém, ia dar as aulas de bicicleta. Automóveis não era veículo que abundasse na cidade e dos professores do Liceu, só

⁵ José da Costa Nunes (1880-1976), ordenado sacerdote em Macau no ano de 1903. Bispo de Macau (1920-1940), Arcebispo Primaz do Oriente (1940-1962), Cardeal (1962).

⁶ Camilo Pessanha (1867-1926), Professor de Filosofia no Liceu de Macau desde 1894. Advogado, Conservador da Comarca de Macau é o maior poeta simbolista por tuguês.

⁷ Manuel da Silva Mendes (1876-1931), Professor do Liceu de Macau desde 1901, Reitor do Liceu (1904-1907 e 1909-1914), advogado, estudioso da filosofia taoísta e um grande colecionador de arte chinesa (a sua colecção constitui o núcleo mais valioso do Museu Luís de Camões em Macau).

⁸ Reitor do Liceu de Macau (1919-1920 e 1925). Sobre este Professor, veja-se José de Carvalho e Rêgo, *Figuras D'Outros Tempos*, edição do Instituto Cultural de Macau, 1994, pp. 191-192.

⁹ Refere Monsenhor Manuel Teixeira: «Por iniciativa do Reitor Borges Delgado, os alunos do Liceu, à imitação dos da Universidade de Coimbra, envergaram capa e batina, fundaram uma associação denominada *Academia* e ainda uma tuna e orfeão e um grupo cénico. O orfeão e a tuna deram concertos em Hong Kong e Cantão. Em 5 de Outubro de 1920, iniciaram a publicação duma Folha Mensal, intitulada *A Academia (...)*», in, *Liceu de Macau*, edição da Direcção dos Serviços de Educação, 3.^a ed., 1986, p. 119.

mais tarde, é que o Dr. Santos Almas possuía um *Buick* verde azeitonado, que tratava com esmero mimo. Mas, nas mãos do seu possuidor, não valia muito como meio de transporte veloz. Este carro e o *Chevrolet* do saudoso Padre Sarmiento eram as duas viaturas que porfiavam em andar o mais pachorrentamente pelas ruas da cidade. A paz de alma desses dois ases do volante era na verdade aflitiva. Tanto o Mateus de Lima como o Pessanha possuíam riquexós privativos. Mas, nesse tempo, em que acabavam, por iniciativa de Luís Aires da Silva, de serem introduzidos os então modernos riquexós de Xangai, de linhas elegantemente airosas, corpo luzidamente acharoadado, de rodas baixas com pneumáticos, portanto, muito mais fáceis de serem puxados, os dois altos riquexós do Pessanha e de Mateus de Lima, com altas rodas, forradas de borracha maciça com o verniz a estalar de velho, eram, certamente, duas viaturas mais dignas de figurar num museu do que para transportar duas individualidades de tanta respeitabilidade como eram os seus donos. Como ainda se não tivesse registado na cidade o advento da chegada de velozes meios de transporte, não era de admirar que passasse a ser costume chegarem os professores do Liceu depois da hora e, quando tivessem de dar mais de uma aula consecutiva, ficavam, habitualmente no intervalo de entre duas aulas, entretidos na conversa, quase completamente esquecidos dos alunos. (...) Pessanha chegava quinze ou dez minutos antes de se tocar a sineta para acabar a aula e, quando acontecia ser o último tempo, a tortura da fome fazia-se sentir, insidiosamente, pois o Dr. Pessanha só nos deixava sair para almoçar depois de o contínuo vir pela sexta ou sétima vez avisá-lo de que há muito deveria ter terminado a sua aula»¹⁰. O Professor Camilo Pessanha, segundo os depoimentos recolhidos por Monsenhor Manuel Teixeira¹¹, não passava despercebido aos alunos porque «sabemos positivamente que raro foi o aluno com envergadura moral suficiente para sair imunizado deste professor de filosofia, que nas aulas não se coibia de inculcar as suas ideias aos discípulos».

Não obstante se ter matriculado na Repartição do Expediente Sínico,¹² para enveredar pela carreira de intérprete e tradutor, Luís

¹⁰ Depoimento de Luís Gonzaga Gomes publicado na *RC-Revista de Cultura*, (ICM), (direcção de Luís Sá Cunha) N.º 15, Julho-Setembro, 1991, pp. 19-20.

¹¹ *Liceu de Macau*, 3.ª edição, DSE, 1986, p. 368.

¹² Celina Veiga de Oliveira, *A Escola de Língua Sínica No Contexto das Relações Luso-Chinesas*, *RC-Revista de Cultura*, (ICM), N.º 18, II série, Janeiro-Março de 1994, pp. 217-219. A Repartição do Expediente Sínico foi autonomizada da Procuratura

Gonzaga Gomes foi sensível aos desígnios paternos pelo que seguiu a carreira docente. Durante mais de duas décadas foi Professor do Ensino Primário, tendo sido Director da Escola Primária Oficial Pedro Nolasco da Silva¹³ e Inspector do Ensino Primário. Foi louvado pelo Governador Albano de Oliveira, em 1951, nos termos seguintes: «Louvado o Professor Primário Luís Gonzaga Gomes pelas excepcionais qualidades de inteligência, trabalho e dedicação pelo serviço, de que sempre deu provas no exercício das suas funções e, ainda, pela excelente colaboração prestada para uma maior aproximação luso-chinesa, através da publicação de vários trabalhos sobre temas chineses, em que se revelou como investigador muito competente e erudito»¹⁴. Desempenhou, ainda, funções docentes no Liceu de Macau e na Direcção dos Correios, Telégrafos e Telefones, leccionando a disciplina de Língua Chinesa.

Os seus invulgares dotes intelectuais e a sua personalidade consensual fizeram-no ligar-se, generosamente à vida social e cultural do seu tempo como o atesta a multiplicidade de tarefas em que se viu envolvido¹⁵, animado pela velha e nobre divisa clássica, servir e não servir-se, quer dizer, servir desinteressadamente a comunidade e nunca usufruir de vantagens pessoais em virtude dos cargos que desempenhou.

Foi, igualmente, amante da música, tendo tirado na Escola Universal de Paris, por correspondência, os cursos de Solfejo, Teoria Musical e História da Música.

A colaboração na imprensa escrita¹⁶ creditá-lo-ia como um investigador probo, erudito, eclético e fecundo. Refere Monsenhor Manuel

em 1885, tendo sido chefiada por Pedro Nolasco da Silva (1885-1892), Eduardo Marques (1892-1898), Carlos Assunção (1898-1911), José Vicente Jorge (1911-1920), Fausto Chagas (1920-1928) e António Maria da Silva (1928-1945).

¹³ Esta nomenclatura surge em 1974-1975, muito embora tenha sido fundada em 1847 e ter tido diversas designações, mantendo-se sempre em actividade.

¹⁴ Boletim Oficial de Macau, Portaria de 14.07.1951.

¹⁵ E impressionante a variedade de cargos que desempenhou: Secretário da Comissão Instaladora da Academia de Música; Director da Emissora de Radiodifusão de Macau; Fundador do Instituto Luís de Camões; Secretário da Comissão de Defesa e Valorização do Património Artístico e Histórico; Secretário da Comissão Provincial da União Nacional; Vogal do Centro de Estudos Históricos e Ultramarinos; Director do Museu Luís de Camões; Presidente do Rotary Clube de Macau; Director da Biblioteca Nacional de Macau; Secretário do Círculo Cultural de Macau; Vice-Presidente da Comissão Administrativa do Leal Senado; Vogal da Comissão de Terras; Secretário da Associação Desportiva Macaense.

¹⁶ Dirigiu o Boletim do Instituto Luís de Camões, os Arquivos de Macau, foi chefe de redacção da Revista Renascimento, secretário do jornal diário Notícias de

Teixeira que «Luís Gonzaga Gomes foi o melhor e o mais prolífico historiador macaense nestes quatrocentos anos de vida desta terra, mas tão modesto que se escondia no pó dos Arquivos, sendo raro vê-lo em qualquer festa ou divertimento. Era um verdadeiro anacoreta¹⁷».

E os seus contemporâneos recordam-se dele como um símbolo do modo de ser e de estar de um português em Macau. Carlos Marreiros¹⁸ faz um apelo à memória: «Ele vivia na Calçada do Monte, numa casa com um pequeno jardim. Como pessoa era um homem bondoso, simpático, não se demorava em conversas, não perdia tempo e não o perdia, porque tocava muitos instrumentos: dava aulas, fazia investigações sobre a geografia de Macau; foi director *da Rádio Ilha Verde*; deu aulas no Liceu e tinha o Ciclo de Cultura Musical de que era o seu principal responsável, chegando a trazer a Macau um conjunto de figuras de primeira água. Portanto, todas essas actividades faziam dele uma pessoa muito ocupada que não podia perder tempo em conversas alongadas. Mas foi, sem dúvida, um grande investigador de Macau. Só é pena que Luís Gonzaga Gomes não tenha entrado no Panteão das Letras e Artes Portuguesas». Uma antiga aluna, Edith Silva¹⁹ diz que um «professor que me marcou foi Luís Gonzaga Gomes. Ele tinha sido meu professor de Inglês no 5.º ano e entusiasmei-me a aprender Chinês como actividade extracurricular. Ele dizia que *nós, os macaenses, dominávamos todo o chinês falado, mas não sabíamos ler e escrever e que éramos analfabetos na nossa terra*. Isso fez-me pensar e resolvi aprender chinês. Ele tinha razão, porque, apesar da educação portuguesa que nós tínhamos, o sangue que nos corria nas veias era chinês. Foram cerca de doze os que começaram a aprendizagem do chinês. Fazíamos ditados, traduções, interpretações. Alguns colegas, devido à dificuldade foram desistindo. Até eu fui tentada a fazê-lo por não ser uma disciplina obrigatória, mas como o meu pai

Macau, correspondente da ANI (Agência Noticiosa de Informação) e deixou colaboração assinada no Mundo Português, Voz de Macau, Revista de Macau, Semana, A Voz, Novidades, Correio do Minho, Diário da Manhã, Diário de Coimbra, A Defesa, O Primeiro de Janeiro, Boletim da Agência Geral do Ultramar, Notícias de Lourenço Marques, Jornal de Eivas, Correio dos Açores, Lourenço Marques Guardian, Diário de Luanda, e no jornal chinês Fok Heng Pou.

¹⁷ *Liceu de Macau*, idem, pp. 473-474.

¹⁸ Fernando Costa Andrade (org.), *Memórias e Testemunhos*, Ed. DSEJ, 1999, pp. 66-67.

¹⁹ Idem, op. cit., pp. 139-140. O sublinhado é da autora.

era amigo do professor Gonzaga Gomes, este conseguiu inculcar-me a coragem para continuar e ainda bem que assim foi, porque veio a ser bastante útil. Creio que fui a primeira aluna a concluir um curso de três anos em chinês».

Luís Gonzaga Gomes, ainda em vida, teve um escasso reconhecimento do seu valor porque, como dizia Eça de Queirós, um país da bacharelise tolera mal quem não o seja e o transcenda em merecimento. Apesar de tudo, foi agraciado pelo governo português com a comenda da Ordem do Infante D. Henrique e pelo governo francês com o título de Cavaleiro da Ordem das Palmas.

Luís Gonzaga Gomes faleceu em 1976.

Em 1977 foi colocado o seu busto numa sala do Museu Luís de Camões e em 1984 um outro busto foi colocado no Jardim de S. Francisco, ambos os trabalhos artísticos assinados pelo escultor Oseo Acconci. Em 1986 foi criado o *Prémio Escolar Luís Gonzaga Gomes* e em 1989 passa a ser o patrono de um estabelecimento de ensino, a *Escola Luso-Chimesa Luís Gonzaga Gomes*. Em 1993, o Instituto Cultural de Macau e um conjunto de personalidades instituíram o *Cenáculo Luís Gonzaga Gomes*, animado por Luís Sá Cunha, Carlos Marreiros entre outros.

O Governo de Macau não se lembrou de o condecorar, sequer postumamente.

A DIVULGAÇÃO PEDAGÓGICA DA CULTURA CHINESA

Mas, o que aqui importa é procurar compreender as grandes linhas de força que animaram o seu pensamento, sobretudo a problemática da divulgação da cultura chinesa.

Desde logo, a dimensão pedagógica da sua intervenção porque foi sempre um Professor, desde a Escola até à tribuna da imprensa, passando pelas actividades sociais em que se empenhou. Um Professor, na nobilíssima acepção do termo, isto é, um homem culto e sensível, um removedor de almas, inculcando-lhes a razão do saber e a razão do ser, sem autoritarismos ou demagogias paternalistas. E o exemplo começava nele próprio, pois aliava a disciplina metódica com que percorria a estrada da erudição e da complexidade à bonomia e simplicidade de carácter.

Ao procurar esforçadamente compreender o mundo chinês, no qual Macau se inseria, estava igualmente a tentar compreender o Outro, desa

tando os laços gnoseológicos que apertam as culturas e os homens, e que geram mal estar e mal entendidos.

Esta tarefa, que parece ter tomado como uma indeclinável responsabilidade ética, permitiu encaminhar os macaenses e os portugueses metropolitanos não só para uma maior compreensão mútua, reconhecendo raízes e afectos no labirinto da história, mas sobretudo para encorajar todas as tentativas sérias de conhecimento da cultura e civilização chinesas. E o que parece óbvio não o é. Por um lado, o orientalismo literário de pendor neocolonial fixou imagens mentais sedutoras mas desfocadas de uma realidade movente; por outro lado, equívocos históricos geridos desastrosamente e uma desconfiança atávica nunca foram ingredientes emocionais que favorecessem o conhecimento do outro.

Nesta perspectiva se nota quão importante foi a intervenção de Luís Gonzaga Gomes. Ao invés de abusar do psicologismo emocional, dos preconceitos sócio-políticos e de um nacionalismo ultra-conservador, Luís Gonzaga Gomes estudou as lendas, os costumes e as tradições, as mentalidades, os homens e a história, consolidando assim uma matriz interpretativa com a qual se identificava e que era mutuamente enriquecedora das comunidades de Macau. A juntar a isso, uma notável maestria literária como ressalta neste excerto²⁰: «Na China, não há estação comparável à do Outono. E nesta encantadora época do ano — principalmente no período de Lâp-Tch'âu (7.^a Lua) — que o céu, já bem disposto, se apresenta nitidamente limpo e completamente varrido de nuvens tempestuosas. A atmosfera vibra então com uma intensa tonalidade clara, e jorros de luz revigoram os campos inexauríveis de seiva, amadurecendo os pomares. Os diospiros turgescem rúbidos de sucos, e completamente sazoados são arrancados das árvores, para deliciar os gulosos com a insuperável doçura do seu néctar; a mística cássia, plantada à entrada dos templos, infiltra o seu odor no ambiente dos átrios, e, nos jardins, os aristocráticos heliantos, empertigam-se hirtos, de faces voltadas para o sol, a fim de receber a sua luz tonificadora. (...)». E como observa, com espírito de finura, Graciete Batalha²¹, «(...) na sua visão da vida macaense e sobretudo das lendas e superstições chinesas, há quase

²⁰ *Combates de Grilos*, revista Renascimento, Volume VI, N.º 3, Setembro de 1945, p. 172.

²¹ Prefácio a *Macau, Factos e Lendas* de Luís Gonzaga Gomes, edição da Quinzena de Macau, 1979, pp. 6-7.

sempre uma ponta de humor risonho a temperar a aparente ingenuidade da narração». E este pormenor, aparentemente insignificante, que marca qualitativamente a sua pedagogia da divulgação, clara e fidedigna, literariamente rica e difusora de valores. E nesta perspectiva axiológica encontram-se tendências sociologizantes (Emile Durkheim) e confucianas, porque os valores são segregados do meio social e aspiram a uma moral teórica. A sua obra procurou fazer explodir potencialidades entre o mundo e a pessoa, aprimorando a exuberância do diálogo entre as culturas. Na síntese, feliz, de Roland Barthes²², «Sapientia: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria e o máximo de sabor possível». E este bem poderia ser o emblema intelectual de Luís Gonzaga Gomes.

Assim se explica que J. J. Monteiro²³ tenha recordado Luís Gonzaga Gomes nestes precisos termos:

«.....
Em versos pobres, falhos de harmonia,
Ao sabor popular da minha musa,
Entrei num labirinto, a ver se via
A Esfinge desta China tão confusa!

Lá dei com ela, mas contou-me apenas,
Sem desvendar-me todo o seu mistério,
Aquilo que já muitas outras penas
Escreveram dum outro modo sério.

Por elas me guiei, sem ocultar
Dos ínclitos autor's, aqui, os nomes,
E que são, de mais fé, a consultar,
Jaime do Inso, Rego e Luís Gomes.

Estudando-os com todo o meu cuidado,
Fui-me entranhando nesta China enorme,

²² *Lição*, edições 70, 1979, p. 42.

²³ José Joaquim Monteiro (1913-?) é uma personalidade importante no âmbito da Sinologia Popular, quiçá o único autor português nesta área. Residiu em Macau desde 1937 e notabilizou-se como Poeta, tendo quatro obras publicadas (*A Minha Viagem para Macau*, 1939; *História Dum Soldado*, 1952, 2.^a ed., 1963, 3.^a ed., 1983; *De Volta a Macau*, 1952; *Macau Vista Por Dentro*, 1983).

Depois, feito poeta e às musas dado,
Compus esta obra vasta e multiforme.
..... »²⁴.

Ou, ainda, que Ninélio Barreira lhe tenha dedicado estas palavras²⁵:
«À memória do meu grande mestre, professor Luís Gonzaga Gomes,
que muito me ajudou a compreender e a decifrar alguns enigmas da
pragmática chinesa».

As traduções ocupam, indiscutivelmente, uma parcela significativa do seu labor intelectual. Paul Ricoeur²⁶ afirmava que «faz parte da significação de um texto estar aberto a um número indefinido de leitores e, por conseguinte, de interpretações. Esta oportunidade de múltiplas leituras é a contrapartida dialéctica da autonomia semântica do texto. Segue-se que o problema da apropriação do sentido do texto se torna tão paradoxal como o da autoria. O direito do leitor e o direito do texto convergem numa importante luta, que gera a dinâmica total da interpretação. A hermenêutica começa onde o diálogo acaba».

A *Relação da Grande Monarquia da China*, de Álvaro Semedo é um exemplo caricato, como nota Luís Gonzaga Gomes, «o motivo que nos levou a traduzir a presente obra do P. Álvaro Semedo foi devido apenas ao facto de pretendermos torná-la acessível aqueles que tem desejado conhecer esta importante *Relação da Grande Monarquia da China*, tão citada por quantos tem escrito sobre os primeiros tempos do estabelecimento das relações luso-chinesas, mas sem possibilidade de conseguirem o seu intento, porquanto, esta obra, tanto na versão italiana, em que primeiramente apareceu publicada, como nas subsequentes traduções, em espanhol, francês ou inglês, constitui uma raridade bibliográfica de quase impossível aquisição, tão elevado é o preço exigido pelos alfarrabistas, quando acontece aparecer à venda qualquer exemplar. Ao que consta, o original em português desta obra nunca chegou a ser publicado. (...) A edição italiana, que utilizamos para fazer a presente tradução, foi dedicada pelo autor ao Eminente e Reverendo Príncipe Francesco Barberino da Santa Igreja Romana, Cardeal Vice-cancelário,

²⁴ *Macau Vista Por Dentro*, edição da Direcção dos Serviços de Turismo, Macau, 1983, pp. 352-353.

²⁵ Ninélio Barreira, *Ou Mun: Coisas e Tipos de Macau*, edição do Instituto Cultural de Macau, 1994. Dedicatória na folha de rosto.

²⁶ *Teoria da Interpretação*, p. 81, Porto Editora, 1995.

sendo o *imprimatur* de Pier-Batista Borghi, dado no dia 8 de Dezembro de 1642»²⁷.

Com a *Nova Relação da China*, escrita pelo padre Gabriel de Magalhães, a história volta a repetir-se: «escrita, originalmente em português, embora o seu autor não tivesse a possibilidade de a concluir, foi vertida para a língua francesa devido ao interesse dos assuntos nela tratados e impressa em Paris, no ano de 1688 por Claude Barbin»²⁸.

A tradução destas duas obras para a língua portuguesa, apesar de terem sido escritas por portugueses, foi um inestimável serviço prestado à causa da sinologia portuguesa assim como para a divulgação da história e da cultura chinesas²⁹.

A versão portuguesa de alguns clássicos chineses, por exemplo, *O Clássico da Piedade Filial*, *O Clássico Trimétrico*, *As Quatro Obras* e *O Livro da Via e da Virtude*, abriram à cultura portuguesa novos caminhos para o entendimento do pensamento chinês. À escolha destas temáticas estava presente o espírito de um Professor que procurava oferecer aos alunos/leitores os valores da interculturalidade no quadro de uma pedagogia da complexidade.

O Clássico da Piedade Filial, publicado inicialmente nas páginas da revista *Renascimento*, a partir de Março de 1944, é acompanhado de judiciosos comentários, «assim como não é possível encontrar nas outras línguas termo que exprima o exacto significado da nossa palavra saudade, também não é possível abranger, em língua europeia, numa só palavra, a ideia de todos os sentimentos e obrigações inerentes ao vocábulo *háu*, que os mais autorizados sinólogos convieram em traduzir por piedade filial. Esta piedade não exprime nem dó, nem pena, nem tão pouco o amor às cousas religiosas, mas a devoção do filho para com os seus progenitores no sentido de veneração, à qual estão ligados os sentimentos de profundo respeito, de íntima dedicação, de acendrado afecto, de cega obediência, de completa submissão e de um amor capaz de o levar a sacrifícios dos mais estóicos como o de se oferecer para ser executado no lugar dum pai condenado à pena capital, ou o de talhar pedaços de carne

²⁷ Prefácio, op. cit., pp. 15-16, 2.^a edição, DSEJ/Fundação Macau, 1994.

²⁸ Prefácio, op. cit., p. 37, 2.^a edição, DSEJ/Fundação Macau, 1997.

²⁹ Veja-se a importância de Álvaro Semedo e de Gabriel de Magalhães na obra, *China and Europe. Images and Influences in Sixteenth to Eighteenth Centuries*, edited by Thomas H. C. Lee, The Chinese University Press, Hong Kong, 1991.

do seu próprio corpo para, depois de cozinhados, serem ingeridos por um pai ou por uma mãe que se encontre doente e em perigo de vida. *O Clássico da Piedade Filial* é atribuído a Tchâng-Tch'am (505-437 A.C.), um dos mais célebres discípulos de Confúcio»³⁰.

As *Quatro Obras*, constituem um verdadeiro monumento da literatura chinesa, apenas acessível à cultura portuguesa devido à sua tradução. «Após o estudo do *Clássico da Piedade Filial*, o estudante chinês de outros tempos, para poder ser admitido aos exames do estado, necessitava de saber de cor todo o texto de uma colecção de obras intitulada *Si-Su, As Quatro Obras*. Os títulos dessas obras são *Lân-U (Discursos e Diálogos)*, *Tai-Hok (O Grande Estudo)*, *Tchong-lông (O Meio Constante)* e *Mâng-Tchi (Meneio)*. (...) Os clássicos chineses não teriam sido transmitidos à posteridade, após a queima de livros e o extremínio dos intelectuais ordenados em 213 A.C. por Tch'I-Uóng-Tâi, o construtor da Grande Muralha, se não fosse o facto de esse tirano ter morrido pouco depois, o que permitiu que alguns dos intelectuais sobreviventes pudessem reproduzir de memória o texto integral dessas obras»³¹.

O *Clássico Trimétrico*, é um «livrinho que, antes da implantação da República na China, era usado como cartilha pelas crianças chinesas e pelo facto de ser escrito em versos de três caracteres lhe deram o nome de *Sâm-Tchi-Kêng*, isto é, *Clássico Trimétrico* ou de *Três Caracteres*. Nesse tempo as crianças eram obrigadas a decorar, de fio a pavio, os 352 versos, mesmo sem compreenderem nada do seu texto, em virtude da sua complicada construção, das inúmeras alusões históricas, das citações de exemplos clássicos e das referências a livros e escritores filosóficos. No entanto, o livro gozava de tanta popularidade que os missionários católicos e protestantes trataram de o adoptar para espalhar os seus ensinamentos, aproveitando-se-lhe do título e da forma. (...) Durante os seiscentos e tantos anos em que este livro foi adoptado na China, como compêndio de iniciação de leitura, fizeram-se inúmeras edições, com variadas alterações e interpolações»³²

³⁰ Revista Renascimento, Vol. III, N.º 3, Março de 1944, p.379. Esta tradução, em edição bilingue português-chinês, merecia ser reeditada porque é uma raridade bibliográfica de acesso difícil.

³¹ Revista Renascimento, Vol. III, N.º 5, Maio de 1944, p. 594. Outro clássico a carecer de reedição.

³² *Clássico Trimétrico*, 2.^a edição, DSEJ, 1997, p. 17. Esta nova edição foi organizada por António Aresta e Aureliano Barata e foi prefaciada por Lei Heong lok.

Nos *Versos para a juventude Escolar*, insinua-se a difusão das virtualidades de um modelo antigo de uma pedagogia exortativa do estudo, como se pode apreciar nesta passagem:

«
Acontece haver quem, tendo sido um pobre estudioso,
Ande hoje de carro puxado a quatro cavalos.
Os aldeões ao vê-lo suspiram.
Quando educardes os vossos filhos
Ensinai-lhes o Livro dos Versos.
É preciso raspar o espelho para que a luz possa nele incidir
Peneire-se a areia e então surgirá o oiro.
Os seres humanos que desejem aprender
Necessitam de se dedicar ao estudo com sinceridade.
..... »³³.

Este hino à ortodoxia literária e formalista que conduzia aos exames imperiais era susceptível de uma leitura de modernidade, enfatizando-se o domínio da hierarquia escolar tendo em vista a escolarização dos saberes, uma prática cumprida décadas atrás de décadas pelo Liceu de Macau, como muito bem sabia Luís Gonzaga Gomes.

A *Monografia de Macau/Ou Mun Kei-Leok*, redigida no século XVIII por dois magistrados chineses, «é o repositório mais importante que se encontra publicado em chinês dos assuntos referentes a esta nossa terra, quer pela grande cópia de informações nele compendiadas e que corroboram ou suprimem as que já são conhecidas, quer pelos documentos oficiais chineses nele reproduzidos que não devem ser hoje possíveis de se conhecerem através doutras fontes. (...) O presente trabalho está, por isso, e pela nossa insuficiência de conhecimentos sinológicos, longe da perfeição, motivo por que de muito bom grado aceitamos qualquer correcção aos erros que, por ignorância tenhamos perpetrado, ou aos deslizes em que, involuntariamente, tenhamos incorrido. Envidamos todo o nosso esforço por aderirmos, quanto nos foi possível, ao terso, conciso e seco estilo chinês, mas sem diligenciar fazer uma pretenciosa e fastidiosa tradução, pedantescamente rigorosa, pois isso só serviria para entediar o leitor com os seus abtrusos laconismos. Na versão dos poematos, tive

³³ Revista Renascimento, Vol. III, N.º 2, Fevereiro de 1944, p. 239

mos, no entanto, de os traduzir, com certa liberdade e, quanto às notas, limitámo-nos ao indispensável, isto é, só aquelas que servem para facilitar a compreensão do texto»³⁴.

Com estas traduções, divulgando pedagogicamente a cultura chinesa, Luís Gonzaga Gomes, inaugurava uma rede de aprendizagem paralela, estimulando o desenvolvimento da apetência pela cultura chinesa ao mesmo tempo que edificava estruturas de saber local visando diferentes núcleos de interesses. Era claramente uma estratégia de remediação porque se verifica o caso insólito de Macau ser um território chinês administrado por Portugal, mas desde a implantação da República Popular da China, Portugal e a China não tinham relações diplomáticas. A questão de Macau era um legado da História e a acção de Luís Gonzaga Gomes foi a de criar amarras quer a um lado, quer ao outro lado, integrando os saberes para consolidar uma identidade, a identidade de Macau.

Sem as suas explicações e comentários autorizados, a comunidade portuguesa, na sua maioria, não disporia de meios para compreender algumas tradições chinesas de Macau, a título de exemplo, os narradores de histórias: «no verão, é frequente ver em Macau, principalmente durante o dia e em sítios abrigados do sol, diferentes grupos constituídos por chineses de variada idade, que se assentam ou se acocoram no chão, para ouvirem com concentrada atenção a arenga de diversos indivíduos, sordidamente recobertos de andrajos, vislumbre do que outrora foram ricas vestias de seda. Essas turbas de pessoas, espalhadas aqui e acolá, pelas praças públicas, poderiam fazer suspeitar comícios sediciosos para os que ignoram o motivo de tais assembleias ao ar livre. Ora, elas não são mais que reuniões de pacatos burgueses, que se juntam em volta de vários narradores profissionais para ouvirem as histórias que eles contam. Na China, há muita gente que prefere frequentar um desses círculos, não só para se poupar ao trabalho de ler um romance ou uma novela, mas porque o povo se delicia com os comentários que os narradores fazem às diversas peripécias por que passam os seus heróis, prazer esse que não lhe pode ser proporcionado pelos livros, cuja leitura é demasiado árida, em virtude da concisão e laconismo com que são expressas as ideias, na intrincada escrita chinesa. (...) Nas cidades, a profissão dos narradores de

³⁴ Prefácio, idem, op. cit., pp. 8-9, 2.^a edição, Quinzena de Macau, 1979.

histórias era geralmente exercida por escolares malogrados e, noutros tempos, chegou a haver em Macau uns trinta indivíduos, que ganhavam a sua vida sem mais nada fazer senão contar histórias. (...) Para satisfazer o gosto do populacho, a Associação Comercial Chinesa, quando esteve instalada no Lán-Kuâi-Lâu, sustentava dois célebres escolares, Tchèan-Tchèok e Sèong-Si, para dissertarem, na sua sede, todas as noites, pelas sete horas, sobre *A Chuva Nocturna e a Lâmpada do Outono*, os *Ensaio sobre a Linguagem Popular* e *O Livro de Companhias Irregulares*»³⁵.

O cuidado que lhe mereceu a aprendizagem da língua chinesa, presente nos seus trabalhos lexicográficos, (*Vocabulário Cantonense-Portugues*; *Vocabulário Português-Cantonense*; *Vocabulário Português-Inglês-Cantonense*; *Noções Elementares de Língua Chinesa*), vai de encontro a uma pedagogia do despertar estimulando o aluno a apreender a realidade total. Sem o domínio das duas línguas, a portuguesa e a chinesa, como compreender a realidade pluridimensional de Macau? As hipóteses que sugeriu, para incrementar a divulgação da língua chinesa no currículo escolar português³⁶, em 1955, foram efectivamente implantadas nos finais da década de oitenta. No fundo, assiste-se ao retomar dos trabalhos pedagógicos de Pedro Nolasco da Silva.

Tomemos o exemplo da preparação escolar para a carreira letrada mandarínica na China para se aquilatar da sabedoria pedagógica de Luís Gonzaga Gomes. Mandarim, como é sabido, foi uma palavra inventada pelos portugueses e que designa aquele que manda e rapidamente se internacionalizou porque é realmente de uma precisão feliz. Na literatura de história das ideias, dedicaram-lhe os portugueses bastantes páginas de reflexão³⁷, mas em virtude do seu aparato erudito raramente circula

³⁵ *Macau: Factos e Lendas*, 2.^a edição, 1979, pp. 80, 81-82.

³⁶ Veja-se, em anexo, um importante documento inédito.

³⁷ Garcia da Orta (1500?-1568?) nos *Colóquios dos Simples e Drogas, da Índia*, dizia o seguinte sobre os chineses: «(...) damse lá grãos e muytas onrras aos letrados, e elles sam os que governão o rei e a terra», edição facsimilada, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Vol. I, 1987, p. 260. Contudo, a descrição mais pormenorizada do sistema educativo chinês encontra-se em Álvaro Semedo (1586-1658) na sua *Relação da Grande Monarquia da China*, co-edição da Direcção dos Serviços de Educação e Juventude e Fundação Macau, 1994, prefácio de António Aresta, especialmente pp. 73-117. Esta obra foi traduzida por Luís Gonzaga Gomes. Outros autores são dignos de menção, por exemplo, Galiote Pereira (*Tratado da China, 1553*), Amaro Pereira (*Enformação da China, 1562*), Gaspar da Cruz (*Tratado em que se contam muito por extenso as coisas da China, 1569*), Duarte de Sande (*Um Excelente Tratado do Reino da China, 1590*),

ram for a dos círculos académicos e intelectuais. E o mesmo se poderá dizer de alguma bibliografia contemporânea³⁸ sobre a educação na China imperial.

Num breve escrito³⁹, Luís Gonzaga Gomes traça com nitidez, espírito crítico e algum humor uma pequena história dos exames imperiais. O que «há de extraordinário neste sistema não era o facto de se apresentarem em massa os concorrentes de todo o império para se sujeitarem a estes exames de Estado, mas sim a natureza das provas que neles se prestavam, porquanto nada mais se exigia dos candidatos do que o conhecimento integral dos clássicos, — neles se resumia a pansofia chinesa — uma caligrafia apurada, e requintada sensibilidade lírica, de forma a habilitá-los a improvisar hiperbólicos versos sobre qualquer tema apresentado pelo júri. Munidos com tão poucos predicados, os candidatos que tivessem a dita de ser classificados, eram imediatamente nomeados para qualquer cargo público principalmente para o de conchalim, quando não houvessem de aguardar vaga, não se percebendo bem, porém, como é que os vencedores desses jogos florais conseguiam administrar os complicados negócios públicos duma tão grande nação só com citações ético-filosóficas de Confúcio ou de Meneio»⁴⁰. Após a descrição dessa longa marcha intelectual para a obtenção dos diversos graus académicos, narra a história de Lâm-Tchiu-Séong, um jovem pastor, pobre e inculto. Um dia, porém, «foi-lhe parar às mãos um exemplar de *lâm-tctil* (modelos caligráficos gravados por processo litográfico) e Lâm seduzido pela elegância e firmeza com que aqueles cursivos lhe surgiam ante os seus olhos, não pode resistir à vontade de aprender a manusear o pincel a fim de os poder imitar»⁴¹. E o pobre pastor, á custa de um esforço imenso,

António de Gouveia (*Ásia Extrema*, 1664) ou Gabriel de Magalhães (*Nova Relação da China*, 1688). Sobre a mesma problemática, veja-se Abílio Basto (1889-1976), *Os Exames na China Imperial*, organização, prefácio e notas de António Aresta, Fundação Macau, 1998.

³⁸ Por exemplo, Robert Marsh, *The Mandarins: The Circulation of Elites in China, 1600-1900*, The Free Press of Glencoe, New York, 1961; Thomas H. C. Lee, *Government Education and Examinations in Sung China*, The Chinese University Press, Hong Kong, 1985. É imprescindível a leitura de Wu Ching-Tzu, *The Scholars*, Foreign Languages Press, Peking, third printing, 1991.

³⁹ *A Desautoração dum Tchong-Un*, in *Revista Renascimento*, N.º 1, Janeiro de 1943, pp. 39-45.

⁴⁰ *Idem*, op. cit., p. 39.

⁴¹ *Idem*, op. cit., p. 43.

consegue galgar os degraus académicos até ao exame final que tinha lugar no Palácio Imperial. «Principia, então, a chamada dos venturosos candidatos que alcançaram nesse ano o ambicionado grau de *tchóng-un* e, o primeiro apelido invocado, é o de Lâm que se levantou nos degraus que davam acesso ao trono e ficou a tremer de comoção, pois não podia acreditar em tamanha felicidade. (...) foi acordado do seu sonho para se ir prostrar diante do Imperador com o fim de executar as nove reverências, como mandava o ritual. Lâm tremia que nem varas verdes visto não estar inteirado acerca da compostura que precisava de guardar naquela ocasião. Tinha entretanto ouvido dizer, que era considerado grande sacrilégio, o facto de se levantar a cabeça para ver o rosto do Imperador. (...) foi apossado por uma maldita curiosidade (...) infelizmente o seu olhar encontrou-se com o do Imperador que o estava também observando. T'ông-Tchi, descompôs-se todo, e rubro de cólera, por este agravo, ordenou que Lâm fosse imediatamente decapitado por tão atrevido menosprezo às regras da etiqueta palaciana.(...) o Imperador comutou então a pena, mas não deixou de o desautorar, privando-o da dignidade de *tchóng-un* porque julgava na sua omnisciência que um indivíduo que padecia de uma doença mental, de forma alguma, poderia merecer tal título que lhe dava direito a ocupar um dos mais importantes cargos da administração do país»⁴². Neste exemplo, quiçá excessivamente longo, está bem patente a maestria pedagógica, histórica, estética e psicológica que Luís Gonzaga Gomes colocou ao serviço da divulgação da cultura chinesa.

O trabalho de Luís Gonzaga Gomes é considerado como uma grande viragem epistemológica sobre um certo modo de historiar um quotidiano diferente.

Que marcas é que a sua acção de divulgação pedagógica da cultura chinesa deixou na sinologia e na cultura portuguesas? Em três áreas é visível a sua influência. Em primeiro lugar, na história da educação portuguesa, enriquecida com um património insuspeitado, para o estudo comparado das mentalidades, das ideologias e das práticas de ensino; em segundo lugar, manteve aceso o interesse pelos estudos chineses, motivando a investigação dos eruditos; em terceiro lugar, cativou um público generalista, educando os seus gostos e as suas apetências porque, como ninguém, soube cruzar a história luso-chinesa com a divulgação da cultura chinesa.

⁴²Idem, op. cit., p. 45.

O Professor Túlio Lopes Tomás⁴³ refere, com inteira justiça, que «Luís Gomes, sozinho, representa uma fase da história cultural de Macau: por ele próprio e pelo que conseguiu realizar. E isto sem ter à disposição os meios de propaganda e enaltecimento de que se dispõe hoje. Por isso mesmo, a sua obra perdurará. Mas é preciso que alguém, de preferência entre os seus patrícios, faça reviver a parte não publicada da sua obra, a qual não é menos importante que os seus escritos».

Luís Gonzaga Gomes, certamente sem se aperceber, cumpriu o voto formulado pelo seu antigo Professor, Camilo Pessanha, no fim de uma conferência dedicada à literatura chinesa: «(...) um apelo dirigido a tantos portugueses moços que os acasos da fortuna ou o dever profissional condenam a passarem nesta remotíssima e exígua possessão portuguesa — verdadeira prisão com homenagem — alguns anos de mesquinha vida intelectual, para que dediquem ao estudo da língua chinesa e da civilização chinesa, nos seus múltiplos aspectos, as horas que dos seus serviços obrigatórios lhes restarem livres, pois que, além do alto serviço que com esse estudo prestarão à pátria portuguesa, auferirão do seu próprio esforço, inefável deleite espiritual»⁴⁴.

BIBLIOGRAFIA DE LUÍS GONZAGA GOMES

Linguística

Vocabulário Cantonense-Português, 1941

Vocabulário Português-Cantonense, 1942

O Estudo de Mil Caracteres, 1944

Em Torno do Vocábulo Tou, 1951

Citações Chinesas, 1953

Vocabulário Português-Inglês-Cantonense, 1954

Noções Elementares da Língua Chinesa, 1958

Traduções para a Língua Portuguesa

Versos para a juventude Escolar, 1944

Tchang-Tch'am, O Clássico da Piedade Filial, 1944

⁴³ Reitor do Liceu de Macau (1972-1975), Director dos Serviços de Educação, publicista e autor de diversas obras escolares de Física e Química. Depoimento inserto no Catálogo Biobibliográfico, *Luís Gonzaga Gomes*, ICM, 1987, pp. 27-32.

⁴⁴ Jornal O Progresso, 21.03-1915, reproduzido em *Camilo Pessanha, Prosador e Tradutor*, org. Daniel Pires, IPOR-ICM, 1992, p. 165.

O Clássico Tnmétrtco, 1944 (2.^a edição, 1997)

As Quatro Obras: Discursos e Diálogos, Suprema Educação, Meio Constante e Meneio, 1945

Tcheong U Lâm e Iam Kuong Iâm, *Ou Mun Kei Leoc: Monografia de Macau*, 1950 (2.^a edição, 1979)

Lao Tse, *O Livro da Via e da Virtude*, 1952 (2.^a edição, 1995)

Álvaro Semedo, *Relação da Grande Monarquia da China*, 1956 (2.^a edição, 1994)

Gabriel de Magalhães, *Nova Relação da China*, 1957 (2.^a edição, 1997)

Eduardo Sarabia, *A Origem da Escrita Chinesa*, 1975

Traduções para a Língua Chinesa

Fernando Pessoa, *Mensagem*, 1959

João de Barros, *Os Lusíadas Contados às Crianças*, 1972

Obras Escritas em Chinês

História de Portugal, 1955

Organização da Edição e Prefácio

Manuel da Silva Mendes, *Colectânea de Artigos*, 4 vols., 1949

Manuel da Silva Mendes, *Nova Colectânea de Artigos*, 3 vols., 1963-1964

Estudos Sobre a Cultura Chinesa

O Almanaque Chinês, 1943

A Festividade do Outono, 1943

O Calendário Chinês, 1943

Os Ciclos Sexagenários de Catai, 1943

Curiosidades Chinesas, 1943

A Desautoração dum Tchong-Un, 1943

A Geomancia, 1943

A Luta Chinesa, 1943

O Mobiliário Chinês, 1943

A Nomenclatura dos Bronzes Chineses e seus Ornatos, 1943

A Seda e os Bordados Chineses, 1943

Patronos do Calendário Chinês, 1944

Jogos Chineses, 1944

Construções Arquitectónicas Chinesas, 1944

A Escultura Chinesa, 1944
Festas do Ano Chinês, 1944
A Festividade do Ano Novo Chinês, 1944
A Festividade do Barco Dragão, 1944
A Festividade dos Espíritos Erradios, 1944
A Festividade do Início da Primavera, 1944
A Festividade das Lanternas, 1944
A Festividade dos Mortos, 1944
Evolução da Pintura Chinesa, 1944
Festividades Chinesas, 1944 (2.^a edição, 1953)
A Porcelana de Kêong Ták Tchân, 1945
Símbolos Empregados nos Motivos Decorativos Chineses, 1945
O Sistema de Adopção na China, 1945
As Estradas Feminina e Masculina no Distrito de Tông-kun, 1945
A Estranha História da Pereira do Nicho de Tám-Sôi, 1945
O Templo de Lin Kái, 1947
O termo Riquexó, 1947
O Budismo na China, 1947
A República Chinesa, 1948
O Arroz, 1949
A Cultura e o Comércio do Chá, 1949
Contos Chineses, 1950
O Loto, 1950
Lendas Chinesas de Macau, 1951
Chinesices, 1952 (2.^a edição, 1986)
Arte Chinesa, 1954
Lui-Kông-Kuâng: Casas de Penhores, 1983

Estudos sobre a História e a Cultura de Macau

O Notável Aquarelista Padre Simão Xavier da Cunha, SJ, 1943
Um Esquecido Episódio de Repressão da Pirataria nos Mares da
China, 1945
Curiosidades de Macau Antiga, 2 vols., 1945 e 1952
A Indústria de Panchões em Macau, 1949
A Pesca na China e em Macau, 1949
Portugal e a Arte Chinesa, 1950
A Batalha de 24 de Junho de 1622, 1950
Uma Biblioteca de Livros Chineses em Macau, 1950

- O Extinto Povoado de Macau-Seak, 1950
Arquivo Histórico de Macau, 1953
Efemérides da História de Macau, 1954
O Leal Senado da Câmara de Macau, 1955
O Livro de Alvarás do Senado de Macau, 1957
Regalias e Privilégios Outrora Concedidos a Macau, 1957
Relations Between Portugal and Macao with Malaca, 1960
Catálogo dos Manuscritos de Macau, 1965
Páginas de História de Macau, 1966
Chegam os Portugueses pela Primeira Vez à China, 1966
Efémero Comércio Português, no Século XVI, na China do Norte,
1967
O Malogro de Duas Missões ao Império do Meio, 1967
As Vicissitudes do Comércio Português na China do Século XVI,
1968
Teses Divergentes Sobre a Origem da Cidade de Macau, 1969
Os Inícios da Cidade de Macau, 1969
Diversos Nomes de Macau, 1969
Reconhecimento da Soberania Castelhana e o início do Município
Macaense, 1970
Bibliografia Macaense, 1973 (2.^a edição, 1987)
Museu Luís de Camões, 1973
Macau na Época de Filipe II, 1974
Macau: Factos e Lendas, 1979 (2.^a edição, 1986)
Macau, Um Município com História, 1997⁴⁵
- Catálogos Biobibliográficos dedicados ao Autor**
- Luís *Gonzaga Gomes*, Instituto Cultural de Macau, 1987
Luís *Gonzaga Gomes*, Instituto Politécnico de Macau, s/d

⁴⁵ Edição póstuma, organizada por António Aresta e Celina Veiga de Oliveira, compilando-se estudos avulsos dispersos por várias publicações periódicas.

ANEXO

Documento Inédito

«Exmo. Senhor
Reitor do Liceu Infante D.Henrique⁴⁶
Macau

Assunto: Sugestões para estimular a frequência dos alunos do Liceu na Disciplina de Chinês.

Exmo. Senhor,

Cumprindo com o pedido que V. Ex.^a me fez, verbalmente, para apresentar quaisquer sugestões tendentes a estimular os alunos do Liceu de Macau de forma a que venham a frequentar o Curso de Chinês que funciona neste estabelecimento, tenho a honra de expor a V. Ex.^a o seguinte.

Pelo estabelecido no artigo 53.º do Decreto N.º 38552, de 7 de Dezembro de 1951, que criou a cadeira de Língua Sínica no Liceu Infante D.Henrique, a inscrição nesta cadeira só é permitida aos alunos internos do Liceu, mas tal inscrição é, porém, facultativa.

Julgo, portanto, não dever causar grande estranheza a fraca frequência desta cadeira, pois seria difícil encontrar qualquer criança que esteja disposta a submeter-se, voluntária e abnegadamente, ao estudo de qualquer disciplina, desde que a frequência da mesma não constitua uma obrigatoriedade.

Estou certo de que, se as outras cadeiras do Curso Liceal fossem igualmente facultativas, nenhum aluno se matricularia nelas, pois todo o tempo lhes é pouco, para andarem na brincadeira, na prática do futebol, hóquei e bilhar e nos cinemas. Existe, infelizmente, em Macau, como é de todos sabido, demasiadas facilidades para as crianças se entregarem a todas as espécies de diversões, sendo quase nulo o interesse dos pais pelo andamento da aplicação escolar dos seus filhos, tanto que é raríssimo apresentar-se um pai ou um encarregado de educação no Liceu, para indagar do progresso dos seus filhos ou tutelados.

⁴⁶ Ao tempo, o Reitor era o Dr. Pedro Guimarães Lobato.

Ora, sendo a cadeira de chinês facultativa, não é possível esperar que qualquer aluno esteja disposto ao sacrifício de estudar mais uma disciplina, sobrecarregando os seus estudos com a aprendizagem de mais uma língua, que lhe exigiria, forçosamente, mais um pouco de trabalho.

Devo, entretanto, dizer que, por instruções de V. Ex.^a, tenho procurado ser o mais tolerante possível para com os poucos alunos que estão frequentando o curso de chinês, esforçando-me por lhes suavizar a aridez de um tal estudo, porquanto o mesmo não se destina a formar sinólogos, mas não posso deixar de lhes exigir certo trabalho, pois que a aprendizagem desta língua demanda certo esforço de memória, portanto, de algum tempo para preparar as suas lições. Não podem, como na aprendizagem de outras disciplinas, confiar apenas na sua inteligência e boa memória, limitando-se a ler por alto uma ou duas vezes a lição, pois que, para aprenderem e decorarem os caracteres chineses terão de praticar, escrevendo-os repetidas vezes até os fixarem na memória. E este pequeno trabalho (bastariam que lhes dedicassem apenas uns quinze ou vinte minutos antes de entrarem na aula, porque em cada lição aprendem apenas uns oito caracteres novos) que os apavora e os leva a não se interessarem pelo estudo desta língua.

Entretanto, para interessar os alunos do Liceu na aprendizagem da língua chinesa, julgo que V. Ex.^a poderia sugerir às entidades superiores a adopção das seguintes providências:

- 1) No concurso para Professores de Português na Escola Oficial Luso-Chinesa Sir Robert Ho Tung constituir condição indispensável, além de outras exigidas por lei, o curso da Língua Chinesa do Liceu.
- 2) São obrigados aos Professores de Língua Portuguesa, nas escolas chinesas subsidiadas pelo Governo, excepção feita quando o ensino é ministrado por sacerdotes, terem o curso de Língua Chinesa do Liceu.
- 3) Ser dispensada a frequência do curso de chinês na Escola dos C.T.T. aos alunos que tiverem o curso de Língua Chinesa do Liceu.
- 4) Poder matricular-se no 2.º ano do Curso de Aluno Intérprete da Secção Técnica do Expediente Sínico da Repartição do Serviço de Administração Civil, o indivíduo que tiver, além doutras exigências legais, o Curso de Língua Chinesa do Liceu.

- 5) Não serem admitidos nos concursos de Línguas os indivíduos que não tiverem o Curso de Língua Chinesa do Liceu.
- 6) Nos concursos de cargos de funcionários públicos que tenham de ter contacto com os chineses, constituirá condição de preferência, em igualdade de circunstâncias, o Curso de Língua Chinesa do Liceu.

Sem estes incentivos, não veem os alunos do Liceu nenhuma vantagem em sobrecarregarem os seus estudos com mais um trabalho, qual seja o da aprendizagem da língua chinesa, motivo porque os leva a não inscreverem-se, voluntariamente, para a frequência desta disciplina.

No caso de não ser possível o concurso das vantagens acima sugeridas, lembraria, então, que fosse alterado, radicalmente, o actual programa, passando os alunos do Liceu a frequentarem, obrigatoriamente, as aulas de língua sínica, tal como frequentam as de ginástica e de canto coral, mas onde em vez de praticarem exercícios físicos e aprenderem a cantar, iriam exercitar-se na prática da conversação chinesa sem serem obrigados a aprender a linguagem escrita.

Isso teria a vantagem de não sobrecarregar os alunos, pois o que os leva a aborrecer as aulas de chinês é o facto de a aprendizagem desta língua escrita os forçar a um trabalho persistente.

Além disso, como os alunos do Liceu acabam em grande parte por ser funcionários públicos, em Macau, pois poucos são aqueles que poderão seguir um curso superior, ficariam apetrechados com um conhecimento mais aperfeiçoado da língua chinesa falada do que possuem os que cá nasceram e aqui vivem. Para os alunos metropolitanos poderia ser dispensada a frequência desta disciplina.

De qualquer forma, como a disciplina de chinês tem sempre de ser ministrada durante a parte da tarde, julgo, por experiência de dois anos e meio, que ela não pode ser facultativa, pois o atractivo do hóquei e do futebol, cujos expoentes são constantemente sublimados e exaltados em conversas familiares, em conversas entre alunos e nos jornais, é superior às suas forças. Para eles, é muito melhor andar a correr no campo atrás de uma bola do que estarem fechados dentro duma sala a estudar.

Perguntar-se-á, entretanto, se existe alguma necessidade dos alunos de Macau aprenderem a língua chinesa.

Sem pretender salientar a importância política que existe neste facto, basta citar que os C.T.T., verificando a necessidade que existe, em

Macau, de os seus funcionários saberem o chinês, no Curso Telégrafo Postal que acaba de instituir, não deixou de incluir a disciplina de chinês. É quanto se me oferece dizer sobre o assunto.

Macau, 3 de Março de 1955

A Bem da Nação

Luís Gonzaga Gomes».

Fonte: Arquivo do Liceu de Macau. Livro de Correspondência Recebida, 1955. Caixa 36.